



ISSN 2175-0920

Comunicação, mediação e diálogo freireano no Orkut

Adriano Medeiros Costa
(PPGEd - UFRN).

Resumo:

O presente artigo tem como objetivo discutir o conceito de Comunicação para Paulo Freire. Seguindo a premissa básica de que, para ele, a comunicação só se efetiva a partir da possibilidade de entendimento do outro. E do outro poder interagir, se assim ele quiser. Na busca conjunta de significados e co-participação no ato de pensar. As idéias de Paulo Freire sobre educação e comunicação, no sentido que ele dá a busca conjunta de significados e na co-participação no ato de pensar. Podemos dizer que, neste contexto, a informação emitida por cada um é absorvida (ou não) e adicionada ao próprio conjunto de informações de quem receber.

Palavras-chave: Comunicação, Diálogo, Educação, Redes Sociais On-line.

Há diversas explicações teóricas a respeito do conceito de Comunicação. Acreditamos, neste caso, na grande importância da coerência interna e externa do sistema teórico. Assim, procuraremos esclarecer o conceito de Comunicação para Paulo Freire, o qual se trata do referencial teórico deste trabalho. Como premissa básica, é importante que se diga que na formulação de seus conceitos teóricos, o educador parte sempre da própria realidade do ser humano e de que educação implica necessariamente



em comunicação, a qual é a co-participação no ato de pensar, em ética e afetividade (confiança):

A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados. (FREIRE, 1988, p. 69).

Paulo Freire não vê o processo comunicativo como uma simples “extensão”, ou seja, transferência mecânica. Sendo assim, a troca de informações constitui apenas em uma ação instrumental e não em ação comunicativa. É por isso que no entendimento adotado aqui neste trabalho, o conceito de Comunicação para Paulo Freire está intimamente ligado ao conceito de Comunicação adotado por Jürgen Habermas. Segundo os princípios da Teoria da Ação Comunicativa pormenorizados pelo pensador alemão, a Comunicação (sem esquecer aqui que toda Educação implica em Comunicação) possui quatro pré-condições de validade (expressas ou não expressas) para que exista a ação comunicativa (a qual traz em si mesma o momento do entendimento livre de dominação) são: verdade (ética), inteligibilidade (mesmo dado do universo comum), correção (em referência a normas, uso do mesmo código lingüístico) e veracidade (pessoal).

Algo que também é verdadeiro para outros educadores, tanto no que diz respeito à implementação de projetos educacionais: “(...) é bom saber que se a realidade não couber no modelo, certamente o modelo é que está errado.” (ANDRADE, 2006, p. 2), quanto no processo de ensino-aprendizagem em si.

A livre expressão e a ação coletiva que nasce de todos a distinguem de outras pedagogias. A cooperação implica num trabalho comum que alia diferenças sem conflito, comunicação como experiência compartilhada; o aluno torna-se, ao mesmo tempo, participante e responsável, que busca, através do confronto, o crescimento individual e coletivo. (ELIAS, 2004, p. 90).



Em suas obras¹, Paulo Freire afirmou que existir humanamente é manifestar-se e modificá-lo: “Na verdade, o processo de libertação de um povo não se dá, em termos profundos e autênticos, se esse povo não reconquista a sua palavra, o direito de dizê-la, de ‘pronunciar’ e de ‘nomear’ o mundo.” (FREIRE, 1978, p. 145).

Dessa forma, a “educação pela liberdade” não pode se dar sem o conhecimento da realidade na qual todos nós estamos inseridos, bem como os educandos, que chegam à sala de aula trazendo consigo suas experiências de vida, seus saberes e formas de interpretar a realidade, a qual pode ser entendida como sendo a utilização pelos alunos de determinados códigos lingüísticos, concepções sobre etnicidade, sexualidade, formas de expressão, comportamentos e classes sociais. Essa realidade foi aprendida em suas famílias e nas comunidades (grupos), em que eles integram e participam. A escola não pode ignorar a forma que seus educandos interpretam a realidade.

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é *pronunciar* o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos *pronunciantes*, a exigir deles novo *pronunciar*. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. (FREIRE, 2003, p. 78).

É por isso que quando uma instituição de ensino, de forma autoritária, toma a decisão de bloquear o acesso ao MSN Messenger e aos sites de relacionamentos (como o Orkut) em seus laboratórios, os quais podem ser facilmente acessados pelos jovens na *lan house* mais próxima, os gestores desta instituição abdicam da possibilidade de diálogo e, como já foi dito, de conferir à escola seu legítimo papel de ambiente privilegiado de debates para tais assuntos. Dessa forma, evita-se que a educação como prática para a liberdade seja uma educação dialógica, a qual vai muito além do direito

¹ Cf.: FREIRE, Paulo. Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo, coleção O mundo, hoje, vol. 22, 3ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 1978 e FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido, 37ª Edição, São Paulo: Paz e Terra, 2003.



de poder se expressar e ser ouvido. A dialogicidade começa quando o educador pensa o conteúdo programático.

Na concepção de Paulo Freire, o diálogo, mais que um instrumento do educador, é uma exigência da natureza humana. O educador não deve impor sua visão ao educando, mas sim problematizar a sua própria realidade a do educando. Aqui se faz necessário o esclarecimento de alguns conceitos sobre diálogo e mediação. Para o autor, o diálogo se estabelece entre dois ou mais interlocutores que fazem declarações a respeito de um dado do universo a ser conhecido. Estas declarações dizem respeito à compreensão ou à busca de compreensão sobre esse dado, o qual pode partir de uma experiência real ou simbólica, estabelecendo-se, assim, o processo de mediação.

Na linguagem do dia-a-dia, chamamos qualquer conversação entre dois ou mais indivíduos de “diálogo”. Mas se faz necessário aqui uma definição mais precisa. Andrade nos lembra que:

Pra você ter uma idéia do conteúdo real de um discurso, você terá que fazer uma análise desse discurso. Então, tentar apreender nesse discurso os sinais desse viés ideológico que atravessa todas as declarações. (ANDRADE, 2008, site).

Todos nós sabemos que é muito mais fácil para a maioria das pessoas reproduzirem simplesmente um modelo já conhecido do que contestá-lo. É assim quando a maioria das pessoas se decide pela opção religiosa quando tende a seguir a mesma dos pais e igualmente ocorre na vida amorosa quando elas tendem a reproduzir os mesmos modelos de estratégias de paquera e de vida conjugal. A mesma reprodução conveniente de um modelo pré-estabelecido também ocorre em boa parte dos estudos que se publicam e conseqüentemente das leituras que se fazem sobre a área de Comunicação.

Nos dias de hoje é fácil observar que as prateleiras das livrarias e das bibliotecas universitárias estão repletas de livros que adotam a perspectiva funcionalista sobre a área teórica da comunicação, mesmo que nos títulos seus autores adotem a tão em moda postura holística dizendo que suas obras se tratam das "teorias" da comunicação. Mas um exame minucioso irá comprovar o forte viés funcionalista sob a



luz do qual foram escritas. Os artigos científicos escritos por professores e estudantes da área de Comunicação Social, também revelam essa influência funcionalista que ao longo das décadas tem se tornado cada vez mais forte. Certamente, a motivação para essa postura está nos atuais tempos conservadores da cada vez mais burguesa sociedade moderna. Mas já no início da década de 70 o poeta e ensaísta Hans Magnus Enzensberger escreveu uma pequena obra chamada "Elementos para uma teoria dos meios de comunicação" a qual nos dá uma explicação para isso. Pois na visão do autor, a grande expansão da visão apolítica (e afirma-se aqui: por isso funcionalista e conseqüentemente conservadora) sobre os processos de comunicação é em grande parte culpa da "insuficiente compreensão dos marxistas" no que diz respeito a mídia, bem como o "uso questionável" que alguns governos que foram, ou ainda são, de inspiração marxista fizeram dela. Sobre isso Enzensberger ainda diz que:

Ignóbeis colocaram-se à frente das novas forças produtivas, baseados puramente em intuições, às quais o comunismo não quis dar atenção, para sua desvantagem. Atualmente, essa vanguarda apolítica encontrou seu ventríloquo e profeta na figura de Marshall McLuhan, um autor a quem faltam, é verdade, todas e quaisquer categorias analíticas para a compreensão de processos sociais, cujos livros, apesar de confusos, podem servir de playground de observações incontroladas sobre a indústria da consciência. (...). Incapaz de qualquer elaboração teórica, McLuhan não resume seu material em um termo, mas no denominador comum de um ensinamento reacionário de salvação. Contudo, o que ele não inventou, mas foi o primeiro a realizar de forma explícita, foi uma mística das mídias, na qual todos os problemas políticos evaporam como névoa - aquela névoa azul com que ela ilude seus discípulos. Seu atrativo é a salvação da humanidade por meio da tecnologia da televisão, especificamente da televisão tal como é realizada hoje. Diga-se, porém, que a tentativa de McLuhan de colocar Marx de ponta-cabeça não é exatamente nova. Como seus numerosos antecessores, ele divide a determinação de minimizar todos os problemas da base econômica, o enfoque idealista, a banalização da luta de classes no azul celeste de um humanismo vago. Um novo Rousseau, assim como todas as reprises, apenas um débil reflexo do antigo, ele proclama o Evangelho dos novos primitivos que, sem dúvida num patamar mais elevado, devem retornar à "aldeia global", numa existência tribal pré-histórica. Não vale a pena debruçar-se sobre tais concepções. Talvez a frase mais famosa desse marqueteiro mereça maior atenção: "*The medium is the message*" (o meio é a mensagem). Apesar dessa idiotice provocadora, ela revela mais do que seu autor sabe. Ela desmascara o traço tautológico da mística das mídias em



pormenores: o único elemento digno de nota na televisão seria, de acordo com ele, o fato de estar ligada; uma tese que, de fato, tem algo de sedutor se considerarmos os programas americanos. A frase de que a mídia é a mensagem, porém, transmite ainda outra muito mais importante. Ela nos comunica que a burguesia dispõe, é bem verdade, de todos os meios de nos comunicar algo, mas que ela não tem mais nada a dizer. Ela é ideologicamente estéril. Sua intenção de agarrar-se a todo custo ao poder de dispor sobre os meios de produção sem estar em condições de deles fazer o uso social necessário é aqui expressa claramente na superestrutura: ela deseja as mídias como tais e para nada. (ENZENSBERGER, 2003, p. 80-83)

Assim, Hans Magnus Enzensberger faz uma crítica devastadora ao funcionalismo de Marshall McLuhan. Mas todos sabemos o quão difícil é fazer a opção pela perspectiva crítica. Pois isso significa abandonar a tranqüila perspectiva funcionalista, na qual as pesquisas apenas geram hipóteses e modelos teóricos derivados do trabalho empírico. A opção crítica significa abraçar a incerteza e exercer a reflexividade, ou seja, questionar e pôr à prova às próprias questões a que chegamos enquanto pesquisadores. Algo que só se pode chegar mediante a realização de algumas leituras por vezes excessivamente herméticas, conhecer em profundidade a filosofia da área de conhecimento específica (Teorias da Comunicação e da Educação, no caso desse trabalho), as quais nos possibilitarão “fazer a costura” de um sistema teórico que tenha coerência externa e sobretudo interna. É esse percurso, cujo tempo é um fator importante, que nos possibilitará a aquisição de certa autonomia intelectual, a qual dependendo do nível nos levará ao que se pode chamar de maturidade intelectual. Assim, não é à toa que as grandes empresas donas dos meios de informação adotam sem hesitar a conveniente visão funcionalista acerca do conceito de comunicação. É por isso que o sistema teórico adotado nesse trabalho no que diz respeito ao conceito de Comunicação não aceita como válida a simples visão funcionalista do processo, pois:

O processo comunicativo vai muito além do tradicional esquema "emissor", "receptor", "meio", "mensagem". O qual apregoa a mudança de comportamento a partir da informação transmitida. Só que isso não é teoria da comunicação, é doutrinação e manipulação. A qual é usada tradicionalmente pela publicidade, pelo mercado de consumo, pela propaganda de guerra. Os americanos criaram isso apenas para justificar a prática dos meios. As pessoas pensam diferente, mas não conseguem se libertar disso. Jesús Martín-



Barbero, Marshall McLuhan, dentre outros, ficaram presos nesse sistema. Na comunicação há informação necessitando de interesse, avaliação e interpretação. Os novos paradigmas surgem do movimento das teorias. (ANDRADE, 2008, site).

Assim, um receptor não vai simplesmente interpretar aquilo que o emissor deseja. O receptor vai reelaborar a mensagem a partir de seus pressupostos ideológicos, de classe, profissionais e familiares, dentre outros. Normalmente, sobretudo em ambientes on-line, costuma-se adotar um conceito acerca da mediação, que não é o adotado nesta pesquisa. Tal conceito, usualmente, está explicitamente relacionado ao papel do mediador como "intermediário" e "arbitragem" e implicitamente relacionado à suscetibilidade de manipulação. Sobre o papel do mediador, de acordo com este conceito, vejamos:

Todo mediador tem como objetivo primeiro facilitar o trâmite de dados e informações que fazem parte de uma comunidade virtual, baseada, por exemplo, em troca de e-mails e extrair, de tudo que foi postado, a síntese, conclusão ou resultado acerca do debate realizado. Cabe também ao mediador gerenciar o grupo, atualizar as ferramentas tecnológicas, fomentar novos debates e zelar pela conduta ética do fórum. Mas cabe ao mediador, principalmente, contextualizar a síntese de cada discussão, formatá-la em linguagem acessível e utilizar este novo conhecimento para propor alterações e avaliações na vida real de cada pessoa que faz parte da comunidade virtual. (OLIVEIRA, 2003, p. 2).

Segundo o conceito de mediação freireano adotado nesta pesquisa, a mediação representa um dado do universo comum, mas apenas no momento em que está havendo interlocução²: "Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo". (FREIRE, 2003, p. 68). Nesse momento, os alunos reelaboram um dado do universo comum, simbólico, que é real para cada um deles em suas vidas:

² Um "dado do universo comum" sem interlocução representa apenas um dado do universo comum em si. É a interlocução que possibilita sua transformação em um elemento mediador.



Eu me recuso a aceitar que qualquer que seja um conhecimento ele seja mediado pela tecnologia. A tecnologia é um instrumento de aproximação do ser humano. Eu não posso dizer que o que eu vejo é mediado pelos meus óculos. Meus óculos são apenas instrumentos de aproximação do real. Se afirmarmos o contrário disso, seria como se estivéssemos dizendo que se apagarmos a luz, os objetos que estão neste ambiente iriam sumir, pois não estaríamos mais os vendo. Então, é uma questão de percepção. (ANDRADE, 2008, site).

Sendo assim, um processo de interação não acontece diretamente com uma máquina, mas sim de pessoa para pessoa tendo o mundo como mediador. Dessa forma:

Um exemplo de experiência real seria a busca de significado ou de informação sobre uma pedra por parte de interlocutores e uma experiência simbólica aconteceria quando tais interlocutores fazem uma descrição da mesma pedra. (FREIRE apud ANDRADE, 2008, site).

Segundo Paulo Freire, a mediação se faz em função do dado do universo comum e possibilita que a interlocução ocorra. Serve para definir o posicionamento dos interlocutores em relação ao dado, para compreendê-lo ou para declarar a sua compreensão. Por isso, é plausível que não se confunda diálogo com mediação, pois esta última ocorre em função do dado do universo comum (identificação) que possibilita que o diálogo ocorra. Assim, no processo comunicativo, para FREIRE:

O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a co-participação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um “penso”, mas um “pensamos”. É o “pensamos” que estabelece o “penso” e não o contrário. Esta co-participação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação. O objeto, por isso mesmo, não é a incidência terminativa do pensamento de um sujeito, mas o mediatizador da comunicação. Se o objeto do pensamento fosse um puro comunicado, não seria um significado significante mediador dos sujeitos. Se o sujeito “A” não pode ter no objeto o termo de seu pensamento, uma vez que este é a mediação entre ele e o sujeito “B”, em comunicação, não pode igualmente transformar o sujeito “B” em incidência depositária do conteúdo do objeto sobre o qual pensa. Se assim fosse – e quando assim é –, não haveria nem há comunicação. Simplesmente, um sujeito estaria (ou está) transformando o outro em *paciente* de seus comunicados. A



comunicação, pelo contrário, implica em reciprocidade que não pôde ser rompida. (FREIRE, 1988, p. 66 e 67).

Ao se estabelecer o diálogo entre interlocutores, há ainda algumas premissas necessárias para que de fato ele ocorra: que haja ética (sinceridade) de ambas as partes, que haja um objeto do universo comum e que se use no processo alguns elementos de linguagens comuns a todos, como por exemplo a língua. Em entrevista, Arnon de Andrade nos diz:

Então, você está pressupondo que ele entende o que você está dizendo, que o que você está dizendo é verdade, que você acredita nisso, terceiro, que é a respeito de um objeto que está no universo comum entre vocês. Objeto que eu falo, um dado do universo comum. Esse dado pode ser uma pessoa, pode ser um comportamento, pode ser um sentimento, pode ser um objeto concreto, pode ser qualquer coisa desse universo comum nosso que não é povoado apenas de matéria. Assim, é essa a diferença entre diálogo e mediação. A mediação é importante no diálogo, ela é fundamental no diálogo, mas ela é aquele dado do universo que faz com que essa interlocução ocorra. (FREIRE apud ANDRADE, 2008, site).

Se contextualizarmos o que foi dito até aqui com a prática de uso do Orkut como extensão de sala de aula, podemos dizer que ao analisar um dado do universo comum, educandos e educadores são interlocutores dispostos a transformar conhecimento em diálogo. Diálogo esse que se estabelece quando os interlocutores, através de uma comunidade do Orkut emitem declarações sobre a compreensão ou a busca de compreensão do dado. Portanto, diálogo não é uma prática de conversação egoísta e doutrinadora que aqui poderíamos chamar de "monólogos alternados". Sendo assim:

Não há, realmente, pensamento isolado, na medida em que não há homem isolado. Todo ato de pensar exige um sujeito que pensa, um objeto pensado, que mediatiza o primeiro sujeito do segundo, e a comunicação entre ambos, que se dá através de signos lingüísticos. O mundo humano é, desta forma, um mundo de comunicação. (FREIRE, 1988, p. 66).



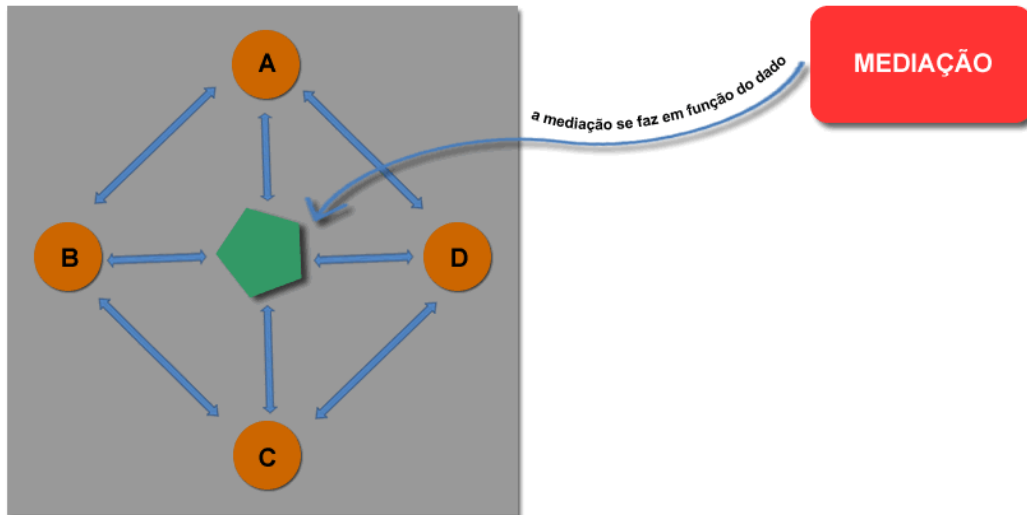
Então, determinamos uma área de interlocução. No caso desta pesquisa, uma comunidade do Orkut. A partir daí, alunos e professores “postaram” (publicaram) as intervenções de cada um, seguindo o direcionamento dos assuntos propostos pelo educador, segundo a necessidade dos educandos e o programa da disciplina. Quando cada um faz isso, não só se está emitindo uma declaração acerca da compreensão dele, como também descrevendo o objeto estudado por ele, e portanto, transformando esse objeto de uma experiência real em uma experiência indireta simbólica.

Quando um educando (interlocutor) lê a postagem do outro e se comunica com ele ou escreve uma resposta, esse educando vai estar fazendo um exame daquele mesmo objeto. Só que, diferentemente do primeiro, o contato dele com esse objeto é através da descrição simbólica feita e emissão de uma declaração acerca de seu entendimento daquele objeto. Então, temos um diálogo. Estabelece-se, assim, um processo que faz com que a interlocução ocorra, ou seja, a mediação, que, como já foi dito, se faz em função do dado do universo comum. Como se cada um dissesse: – Da mesma forma que o que você diz faz sentido para mim, é meu desejo que também possa fazer sentido para tantos outros.

Sendo assim, observemos na seqüência o processo de diálogo em uma comunidade on-line do Orkut, correlacionado com o conceito de Comunicação para Paulo Freire:



Estabelecimento do diálogo em uma comunidade no Orkut






-  = Comunidade na rede social on-line Orkut. A qual representa aqui a área de interlocução.
-  = Declarações sobre compreensão ou busca de compreensão.
-  = Dado do universo comum. O qual pode ser uma experiência direta ou simbólica.
- A, B, C, D = Interlocutores inscritos na comunidade on-line.

ILUSTRAÇÃO 1 – Efetivação do diálogo em uma comunidade on-line no Orkut.

É importante que aqui se diga que em uma experiência em EaD – Educação a Distância, só há comunicação quando um educando discute o dado do objeto comum com outro educando, contanto que haja uma reinterpretação referenciada do dado objeto. Neste sentido, o *feedback* significa muito mais que a informação que o emissor obtém da reação do receptor à sua mensagem e que serve para avaliar os resultados da transmissão. Na verdade, o processo implica em uma “retroalimentação” do sistema, que aqui significa “alteração das metas”; ou seja, a tentativa de aproximar o máximo possível a intenção do resultado, e isso não é realizado de forma ingênua. Dessa forma:

A intersubjetividade ou a intercomunicação é a característica primordial deste mundo cultural e histórico. Daí que a função gnosiológica não possa ficar reduzida à simples relação do sujeito



cognoscente com o objeto cognoscível. Sem a relação comunicativa entre sujeitos cognoscentes em torno do objeto cognoscível desapareceria o ato cognoscitivo. A relação gnosiológica, por isto mesmo, não encontra seu termo no objeto conhecido. Pela intersubjetividade, se estabelece a comunicação entre os sujeitos a propósito do objeto. (FREIRE, 1988, p. 65).

Sendo assim, neste trabalho, evitou-se o uso indiscriminado do termo “comunicação”, com frequência, negligentemente, usado por quem na verdade quer falar em “interação” (por exemplo, o Orkut e o Messenger são ferramentas de interação), “informação” (por exemplo, a TV Universitária da UFRN é um veículo de informação) ou “notificação” (por exemplo, quando um professor envia e-mail para os alunos dando um aviso). Por isso, o Orkut, que é um espaço onde ocorre a interlocução e um meio fundamentalmente de interação, pode eventualmente servir como meio de comunicação. Assim sendo, no processo comunicativo, na concepção de Célestin Freinet.

(...) tudo ou quase tudo, sem dúvida, pode ser dito na condição de saber utilizar uma boa forma, as palavras ou os outros veículos possíveis. Trata-se então, de dominar as linguagens próprias em diversos tipos de expressão para utilizar o meio adaptado, o mais liberal possível. (SOUZA; DANTAS, 2007, p. 74).

É por tudo isso que o referencial teórico desse trabalho está embasado no conceito de Comunicação de Paulo Freire e no de colaboração de Célestin Freinet. Os quais estão intimamente ligados, como nos diz o próprio Freire:

"Eu e Freinet somos primos". Foi com essa expressão afetuosa que Paulo Freire, ao receber uma homenagem do Grupo de Educadores Freinet da PUC/SP, referiu-se ao educador francês Célestin Freinet. Esse "parentesco" indicado por Freire se baseia em muitas semelhanças em seus pensamentos e práticas. Ambos se envolvem diretamente com a prática pedagógica (Freire com adultos e Freinet com crianças e adolescentes) no seio do povo elaborando, cada um na sua realidade, uma proposta de educação popular voltada para a real participação dos indivíduos na sociedade e não a mera "integração" na realidade social em que se situam. Os "primos" se inseriram nas lutas sócio-políticas de seu tempo, na defesa da educação pública de qualidade e sofreram, por essa postura, a intolerância e a perseguição.



Freinet e Freire são mestres que privilegiam o ser humano e sua capacidade de humanizar-se pelo processo educacional, alavanca potencializadora de suas possibilidades intelectuais e sociais. (PEREIRA; CAMPELO, 2005, p. 6 e 7).

O círculo virtuoso da dialogicidade em uma comunidade on-line no Orkut se dá quando cada um é livre para se expressar e questionar. Onde cada resposta leva a uma nova pergunta, que leva a outra resposta, assim por diante. O que não só está de acordo com a pedagogia proposta por Paulo Freire, mas também por Freinet. Neste sentido, podemos dizer que:

O processo educativo na Pedagogia Freinet é essencialmente interativo e, assim sendo, deve processar-se num clima vivo e construtivo de cooperação mútua, para que o aluno participe plenamente de todas as atividades e tenha sucesso nas suas aquisições, ou seja, nas suas aprendizagens. (Ibid., p. 88).

Dessa forma, podemos dizer que a comunicação só se efetiva a partir da possibilidade de entendimento do outro, bem como se cada um acredita no que está dizendo, e do outro poder interagir, se assim ele quiser. Se alguém pensa de determinada forma e é levado por outros interlocutores a mudar de opinião estabelece-se, também, a comunicação. Porém, quando alguém não acredita no que diz, e ainda assim tenta convencer o(s) outro(s) daquilo que ele próprio não acredita, não há comunicação entre os envolvidos no processo, mas sim fraude. É por isso que a TV, rádio, internet ou o telefone não são meios de comunicação. Eles podem servir como meios de informação, de expressão e de controle social. Só, eventualmente, como já foi dito, é que podem servir como meios de comunicação. Neste caso, quando, por exemplo, duas ou mais pessoas assistem a um programa de TV e se comunicam não com o programa, mas sim sobre o programa, o qual serve de mediação entre os telespectadores e não de comunicação direta com o telespectador, bastando que, para isso, ele seja pensado de tal forma por seus produtores no sentido de apenas não haver a simulação da comunicação. Sobre isso, é interessante observarmos a transcrição³ de

³ Espaço de tempo em que decorre a citação no DVD: 0:03:25 - 0:03:59



uma palestra⁴ proferida pelo escritor Ariano Suassuna sobre seu encontro com Paulo Freire em um aeroporto logo após este voltar do exílio:

Eu sou muito amigo de Paulo Freire, o educador. Aí Paulo Freire chegou no Recife...fazia muito tempo que eu não o via. Aí quando eu avistei Paulo, eu corri e nós nos demos um abraço. Aí um pessoal de televisão que estava lá correu e pediu pra eu repetir dizendo: Nós não pegamos o abraço. Aí eu disse: Eu não sei representar a amizade, não. Eu tenho amizade por Paulo. Representar a amizade é pra ator, não é pra mim não. (SUASSUNA, DVD, 1997)

Em um debate ou quando alguém faz um discurso (por exemplo, um político) não há comunicação, há retórica. Pois quem se dirige a um público dessa forma, normalmente quer convencê-lo e o ato de impor a própria opinião não implica em um ato comunicativo. O mesmo pode-se dizer de alguém que entre amigos (por exemplo, em uma mesa de bar) quer ganhar uma discussão apenas pelo desejo de vencer. Não é comunicação uma conversa entre pessoas, na qual a discordância de uma delas faz com que a outra se sinta desafiada. Quando uma criança chora em busca da mãe ou quando uma pessoa se confessa a um padre em um confessionário não estão realizando um ato comunicativo. Mas sim de informação (no caso da criança que procura chamar a atenção da mãe) e de doutrinação (no caso de um fiel da Igreja que busca absolvição por seus pecados). Quando dois animais, um macho e uma fêmea, emitem sinais sonoros (como os pássaros e as rãs), dançam ou mudam de cor para chamar a atenção do(a) parceiro(a), eles não estão realizando um ato de comunicação, mas sim seguindo o instinto reprodutivo. Até porque, a ética é um componente indispensável para a existência da comunicação e se os animais não são racionais, logo eles não podem ser éticos em suas relações. Quando alguém escreve um texto em prosa ou poesia; atua em uma telenovela, no teatro ou no cinema; busca se expressar através da dança, moda ou da música, ele está realizando uma expressão artística e não se comunicando. Mesmo

⁴ Cf.: ARIANO SUASSUNA EM AULA ESPETÁCULO. Direção: Vladimir de Carvalho. Brasília. Co-produção CPCE/UnB e Ministério da Cultura. 1997. 1 disco (Tempo 45 minutos). DVD.



refletindo o mundo, o momento histórico, a sociedade em que foi feita, neles entram o componente da imaginação do artista (ator, cineasta, escritor, dançarino) E logo, sendo assim, eles não precisam ter um comprometimento ético com a verdade no discurso, nem a co-participação no ato de pensar. E ainda bem, pois o compromisso dessas áreas deve ser com a arte. E a arte não comunica, a arte se expressa.

Por mais nobre que a arte seja, ela não necessita está comprometida com a ética. E isso não é ruim. É claro que estamos nos referindo aqui à ética no sentido de “veracidade pessoal”. Mas também podemos dizer aqui que a arte (independentemente do nível de sua qualidade) não precisa nem da ética no sentido moral que a palavra tem. Um exemplo disso são as obras de escritores como Louis Ferdinand Céline ou de compositores como Richard Wagner que eram profundamente anti-semitas e o ator Jack Nicholson que é célebre pela sua misoginia. Ninguém poderia dizer que o trabalho deles não é arte de qualidade ou que seja pelo menos arte.

Podemos ainda citar como exemplo a simulação de contato pessoal e espontaneidade de um(a) apresentador(a) que fala olhando para uma câmera ou de um(a) apresentador de telejornal que, ao olhar para a câmera, está na verdade lendo um aparelho de *TelePrompTer*⁵. A própria necessidade de existência de um apresentador de telejornal é algo discutível. Tendo em vista que a figura do apresentador nasceu no passado da necessidade que se tinha de alguém que lesse as notícias sobre as quais o canal de televisão não tinha acesso as imagens daquilo que estava sendo noticiado. Hoje, não há mais a mesma dificuldade de antes em se conseguir tais imagens. Sendo assim, é óbvio nos perguntarmos por que, então, as emissoras de televisão ainda continuam a usar os apresentadores? Provavelmente, a resposta mais óbvia e ingênua seria a de que o papel deles é importante para dar credibilidade àquilo que está sendo informado. Mas neste caso, perguntamos aqui: a verdade não se impõe por si só? Ela realmente necessita de alguém que pretensamente dê credulidade a uma notícia? É por isso que o Jornalismo não pode ser caracterizado como uma prática de Comunicação,

⁵ *TelePrompTer*: dispositivo formado por tela ou rolo de papel rotativo, adaptável à câmara, usado para expor um texto em letras grandes e permitir, assim, que um locutor ou ator o leia com facilidade (Houaiss).



nem muito menos um jornal ou telejornal em si é um meio comunicação. Mas se duas ou mais pessoas discutirem uma notícia em um jornal impresso, um site na internet ou um telejornal, eles podem sim vir a se tornar um elemento de mediação.

Há várias razões pelas quais uma emissora de televisão não pode ser considerada por si só um meio de comunicação. Os jogos de luzes e sombras, os cenários que escondem e por isso dissimulam a forma que o programa é feito, o “ponto”⁶ em um dos ouvidos dos apresentadores, a placa que acende e pede às pessoas do auditório que aplaudam em momentos determinados pela produção não podem ser considerados exemplos de comunicação. O mesmo se pode dizer de alguns programas televisivos que fazem uso em seus convidados de um aparelho “detector de mentiras”, o qual inclusive é de eficácia discutível. Outro exemplo, são os populares DVD’s⁷ de treinamento de administradores de empresas onde se fala francamente em comunicação, quando na verdade se está tentando adestrar executivos na arte da manipulação. Esses vídeos, mostram que no mundo dos negócios os treinamentos que falam em “comunicação” não seguem uma metodologia científica. Eles transitam muito mais em uma área que pretensamente busca dar a seus alunos a capacidade “exotérica” de tentar adivinhar o que o chefe pensa (habilidade da qual depende o sucesso de cada um), e assim ajustar previamente o discurso a fim de garantir seus objetivos. Uma missão cruel.

Na área de Direito, há muito interesse pelas obras de Habermas, inclusive sobre a Teoria da Ação Comunicativa. Nosso interesse aqui são as relações entre Educação e a Comunicação tecidas no contexto on-line do Orkut, mas para exemplificar de forma ainda mais completa o conceito de Comunicação empregado neste trabalho, poderíamos

⁶ Ponto: pequeno equipamento eletrônico (fone de ouvido) que serve para que os produtores de um programa de TV ou de um telejornal possam, oculto do público, se comunicar com quem está em cena quando necessário. A origem do ponto está no teatro, onde uma pessoa acompanhava o desempenho dos atores com um texto para lembrar os atores de alguma fala, caso eles esquecessem.

⁷ Cf.: A ARTE DE INFLUENCIAR PESSOAS. Direção: Fabiana Oliveira. São Paulo. Digerati. 2007. 2 discos (Tempo 50 minutos cada disco). DVD.



dizer que quando um advogado é contratado por uma pessoa, mas não acredita que o que seu cliente esteja dizendo é sincero, eles não estão realizando ação comunicativa. Mas se no decorrer do processo, o advogado passa a acreditar na verdade pessoal de seu cliente, então neste caso passa a existir ação comunicativa. De forma análoga, o mesmo acontece quando um machista e uma feminista dialogam e depois desse diálogo cada qual se torna menos radical. Outro exemplo que poderíamos dar diz respeito ao cinema. Há pessoas que no final da projeção de um filme sempre têm o desejo de conversar com outras pessoas que também assistiram a sessão de cinema para discutir o que elas acharam da obra cinematográfica. Mas sabemos que ter uma oportunidade é difícil, sobretudo se sabemos que aquelas pessoas são desconhecidas e uma sala de cinema convencional em si geralmente não oferece a oportunidade. Ao ter o desejo de debater sobre o filme, essas pessoas desejam transformar naquele momento que em essência é um meio de informação em um meio de comunicação.

Dito isso, pode-se dizer aqui que a possibilidade de comunicação acontece quando esses fóruns ou as comunidades do Orkut (áreas de interlocução) são usados por duas ou mais pessoas para interagirem em uma busca coletiva de significação para um dado comum ao universo deles que seja real ou simbólico. Como, por exemplo, quando os membros de uma comunidade sobre DST – Doenças Sexualmente Transmissíveis, buscam mútuo aconselhamento. Neste último caso, há sim o estabelecimento de um processo comunicativo. Neste caso, entende-se que há a presença das três condições que caracterizam o diálogo, o qual é a pré-condição para a existência do processo comunicativo. Tais como a utilização de elementos da linguagem comum a todos (no caso, a língua portuguesa), o objeto do universo comum e a ética, através da qual se supõe que os alunos acreditem no que eles mesmos disseram uns aos outros.

Já os *spams*⁸ enviados em forma de tópicos a tais comunidades do Orkut, por serem propagandas, não podem ser considerados comunicação. Não há a expectativa por parte dos membros da comunidade que quem os enviou esteja sendo sincero quanto à informação fornecida. Inclusive, há *spams* que, mesmo enviados massivamente para

⁸ *Spam*: Tipo de propaganda não solicitada que chega indiscriminadamente a contas de e-mails, fóruns de discussão e redes sociais on-line via Internet.



os perfis, contém o nome de cada um dos destinatários, simulando uma mensagem personalizada. Dessa forma, há a não observância de um dos princípios para a existência do discurso: a ética. Já que tais *spams* induzem à fraude ao simular a espontaneidade e o contato pessoal.

Em capítulos anteriores, definimos os fóruns e redes sociais on-line, como o Orkut, e até mesmo os verbetes produzidos para a Wikipédia, como espaços privilegiados para construções coletivas, como contos e poesias. Contudo, deve-se dizer aqui que isso não implica em um processo de comunicação, mas sim de trabalho colaborativo.

Nos dias atuais, virou moda entre muitos renomados teóricos⁹ da comunicação falar da improbabilidade da comunicação. Não é o que pensa Arnon de Andrade, pois para ele a comunicação mantida entre os seres humanos não só é provável, como também é inevitável. No entendimento teórico adotado neste trabalho, falar na comunicação como algo improvável é, no mínimo, um exercício de neurastenia. E tudo o que vimos até aqui só confirma essa teoria:

O advento da comunicação pode até ter sido anterior ao surgimento da própria espécie humana. Pois pode ter sido a comunicação (por exemplo, através de onomatopéias) mantida pelas espécies que nos precederam que desenvolveram aquilo que hoje entendemos por comunicação. Inclusive, hoje em diversas línguas há palavras que nos lembram onomatopéias, como é o caso de “zumbido”. Pois a única forma que o ser humano encontrou para sobreviver ao longo dos tempos foi conhecer o seu meio e se comunicar. Por isso, a comunicação é inevitável e não improvável, como diz Luhmann. (ANDRADE, site, 2007).

Estabelecer um diálogo implica na instauração de um processo de análise do discurso, durante este diálogo, que possa analisar as construções ideológicas presentes e que se entenda o discurso como uma construção social, que só pode ser analisado considerando suas condições de produção e seu contexto histórico e social de forma que o discurso reflète uma visão de mundo determinada, necessariamente, vinculada à do(s)

⁹ Cf.: FILHO, Ciro Marcondes. Até que Ponto, de Fato, nos comunicamos? São Paulo: Paulus, 2004.



seu(s) autor(es) e à sociedade em que vive(m). Quando nos referimos à colaboração e co-autoração, como já foi dito, estamos, de certa forma, fazendo referências ao processo dialógico, o qual, muito além de um mero processo de interlocução, implica, necessariamente, no entendimento, não só do que está explícito, como também daquilo que está implícito na fala de cada um. É dessa forma que se estabelece a análise do discurso. Tal e qual os termos usados, vocativos e formas de despedidas, em recados pessoais são reveladores da situação afetiva entre os sujeitos na troca de mensagens, tanto presenciais quanto on-line:

Muitas vezes, a defesa do diálogo feita por Paulo foi interpretada como um falar por falar, sem desafio para a construção de novos conhecimentos. Outras vezes, esta defesa do diálogo deu origem à idéia de que o educador democrático não pode se valer de uma exposição narrativa. O próprio Paulo respondeu a esta falsa compreensão: “Pode haver diálogo na exposição crítica, metódica, de um educador a quem os educandos assistem não como quem ‘come’ a fala, mas como quem aprende sua inteligência. É que há um diálogo invisível, em que não necessito de inventar perguntas ou fabricar respostas. Os educadores democráticos não estão – são dialógicos. (FREIRE apud BARRETO, p. 65, 1998).

O “pensar crítico” que nos possibilita o desvendamento daquilo que está implícito na fala está bem entendido naquilo que FREIRE chama de “pensar verdadeiro”. Algo que garantirá a continuidade do processo dialógico:

Não há o diálogo verdadeiro se não há nos sujeitos um pensar verdadeiro. Pensar crítico. Pensar que, não aceitando a dicotomia mundo / Homem, reconhece entre eles uma inquebrantável solidariedade. É um pensar que percebe a realidade como processo que se capta em constante devenir e não como algo estático. Para o pensar ingênuo, o importante é a acomodação a este hoje normalizado. Para o crítico, a transformação permanente da realidade, para a permanente humanização dos Homens. Somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz, também, de gerá-lo. (FREIRE apud BARRETO, 1998, p. 66).

Embora não seja objeto de estudo aqui tecer reflexões aprofundadas sobre metodologias de análise do discurso, podemos dizer que, em ambientes como os fóruns



e as comunidades do Orkut, há elementos gráficos na escrita usadas pelos jovens capazes de dar certas indicações norteadoras. Podemos citar os “*emoticons*”¹⁰ e a pontuação proveniente daquilo que se convencionou chamar de “internetês”¹¹.

A própria concepção dos diferentes conceitos de diálogo encontrados na obra de diversos autores só se desenvolveu mediante um processo dialógico, através do qual cada teórico estruturava sua concepção diretamente dialogando com outros teóricos e/ou mediante a leitura desses teóricos. Livros e publicações científicas serviram como área de interlocução, assim como o Orkut serve aqui nesta pesquisa de área de interlocução para os estudantes.

Podemos dizer, ainda, que o conceito de Comunicação em Paulo Freire faz referência à pré-condição de que haja a crença entre os interlocutores de que está havendo sinceridade de ambas as partes, para que haja o estabelecimento de um processo de comunicação. O que implica em o que poderíamos chamar, coloquialmente, de “fé nas pessoas”.

A fé nos seres humanos é um dado a priori do diálogo. O Homem dialógico tem fé nas outras pessoas antes de encontrar-se frente a

¹⁰ Emoticons: Forma de comunicação paralingüística, um *emoticon*, palavra derivada de *emotion* (emoção) + *icon* (ícone) (em alguns casos chamado “*smiley*”) é uma seqüência de caracteres tipográficos, tais como: “:.)”, ou “^_^” e “:-(” ou também uma imagem (usualmente pequena), que traduzem ou querem transmitir por meio de ícones ilustrativos de uma expressão facial o estado psicológico ou emotivo de quem os emprega.

¹¹ Internetês: É uma linguagem surgida no ambiente da Internet, baseada na simplificação informal da escrita com o objetivo principal de tornar mais ágil e rápida a interação. Fazendo dela uma linguagem taquigráfica, fonética e visual. Abreviações, simplificações, símbolos criados por combinação de caracteres, símbolos gráficos próprios e uma grande diversidade de recursos de comunicação por imagens utilizados na internet são as principais características encontradas nas mensagens que utilizam esta linguagem.



frente com elas. Sem esta fé o diálogo é uma farsa. Transforma-se, na melhor das hipóteses, em manipulação paternalista. (FREIRE apud BARRETO, 1998, p. 65 e 66).

O esclarecimento do conceito de Comunicação em Paulo Freire implica, necessariamente, no estabelecimento do processo dialógico na busca pela apreensão, via sua obra, de sua inteligência. Pois, ao escrever sobre dialogicidade, seus textos se mostram repletos de construções que nos desafiam a buscar não só o “pensar crítico” ao qual se refere o autor, como também o “pensar crítico” oculto em seus próprios textos. Em suma, em um exercício de metalinguagem, Freire faz uso precisamente daquilo que aborda enquanto código lingüístico. Além de sua fé nas pessoas, é difícil não notar em seus livros uma imensa esperança na redenção do seres humanos e na superação de suas dificuldades para que um dia ele seja livre.

A esperança está na própria essência da imperfeição dos Homens, levando-os a uma eterna busca. Uma tal busca não se faz no isolamento, mas na comunicação entre os Homens. Se o diálogo é o encontro das pessoas para ser mais, não pode fazer-se na desesperança. Se os sujeitos do diálogo nada esperam do seu quefazer, já não pode haver diálogo. (FREIRE apud BARRETO, p. 66, 1998).

Como foi dito acima, o diálogo se estabelece por interlocutores, no qual cada um emite declarações (interloquções) em busca de significação para um dado objeto comum (real ou simbólico). Tais interlocutores têm o mundo como mediador. Mas o processo dialógico, inevitavelmente entremeado por um viés ideológico, só se estabelece e tem sentido quando nós, que vivemos em comunidade, buscamos “ser mais” através da comunicação. Mas a “esperança”, aliada ao componente ético, é um pré-requisito para que haja o desejo de superação de nossas dificuldades. Se não temos esperança, não desejamos escolher nós mesmos nossos destinos; sendo assim, não há como haver diálogo. Se as pessoas perdem a esperança, elas não votam. Se elas não votam, elas perdem a liberdade de escolha. Neste caso, de escolher seus destinos enquanto sociedade. E é em sociedades assim, permeadas pela desesperança e desacreditadas de que os conflitos sociais são motivados pelas relações de poder entre as classes, que



meios de informação são chamados de “meios de comunicação”. Comunicação implica em educação¹² e uma nação educada é mais difícil de controlar de forma autoritária. Por isso, concluímos, assim, que Paulo Freire, em seu conceito de Comunicação, entendeu que o pessimismo é uma forma de controle social.

Atualmente tornou-se muito popular entre o meio acadêmico dos estudos de Comunicação Social um conceito chamado “Educomunicação”. Na verdade, esse neologismo é perfeitamente desnecessário, pois como já vimos anteriormente, se tomarmos como referência o conceito de Comunicação para Habermas e Paulo Freire, todo ato educativo implica necessariamente em um ato comunicativo. A educação se faz através da comunicação. Na educação temos a certeza de que o processo de comunicação vai nos aperfeiçoar enquanto seres humanos. Por isso, o processo educativo, muito mais do que um simples processo de ensino, implica inevitavelmente em comunicação. Pois, no processo educativo, ambos (professor e aluno) se modificam. Da mesma forma, Em muitas circunstâncias, o senso comum das pessoas alimentado por um conceito preconcebido pela ideologia dominante costuma qualificar como “diálogo” aquilo que em uma análise mais profunda não passaria de “*monólogo*”. Acredito ser importante a criação aqui deste neologismo como uma forma de crítica ao falseamento de se apresentar como diálogo algo que parece muito mais, embora não seja, um monólogo. O “*monólogo*” é uma informação ou uma opinião expressa como se fosse um diálogo a um ou mais interlocutores aos quais se recusa o direito a ser(em) ouvido(s) e a co-participação no ato de pensar. É, portanto, um falseamento e uma manipulação que não se apresentam como tal.

Arnon de Andrade (entrevista, 2008), afirma não ser válida a questão de realizar ou não a união de ambos (Educação e Comunicação), tendo em vista que não há como dissociá-los. Como falou, em tom bem-humorado, para o professor não é uma questão de decidir ou não pela “união do casal”, mas de discutir seu “casamento”. Afinal, como nos fala Paulo Freire, educação é comunicação na medida em que é o encontro de sujeitos interlocutores na busca da significação dos significados.

¹² Cf.: FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação?, coleção O mundo, hoje, vol. 24, 10ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 1988, p. 67.



Bibliografia:

ANDRADE, Arnon de. **Conceito de tecnologia educacional**. Disponível em: www.educ.ufrn.br/arnon. Acessado em: 10 de setembro de 2005.

ANDRADE, Arnon de. **Mudar pra permanecer!!!** Blog de Arnon de Andrade. Disponível em <http://arnon.zip.net/index.html>. Acesso em: 06/11/2006.

DELORS, Jacques (Org.). **Educação, um tesouro a descobrir: relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. 8ª edição. São Paulo: Cortez Editora – MEC – Unesco. 2003.

ELIAS, Marisa del Cioppo. **Célestin Freinet, uma pedagogia de atividade e cooperação**, 7ª edição, Petrópolis, RJ: Editora Vozes. 2004.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. **Elementos para uma teoria dos meios de comunicação**, São Paulo: Conrad Editora, 2003

FOSNOT, Catherine Twomey (Org.). **Construtivismo: teoria, perspectivas e prática pedagógica**. 1ª edição. Porto Alegre: Artmed.1998.

FREINET, Célestin. **O jornal escolar**, temas pedagógicos, nº 2, Lisboa: Editorial Estampa, 1974.

FREIRE, Paulo. **A lógica do encantamento**, Fórum, nº 11, São Paulo: Editora Publisher Brasil, 2003, p. 12.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo**, coleção O mundo, hoje, vol. 22, 3ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 1978.



FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**, coleção O mundo hoje, vol. 24, 10ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**, coleção leitura, 29ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 37ª Edição, São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GONZALES, Max Alberto; COSTA, Eric, **Redes Sociais**, Info, junho 2008, nº 268, São Paulo: Editora Abril, p. 50.

OLIVEIRA, Leonardo. **O jornalista como mediador virtual ideal**. Disponível em: <http://webinsider.uol.com.br/2003/04/14/o-jornalista-como-mediador-virtual-ideal/>.

Acesso em: 27/06/2008